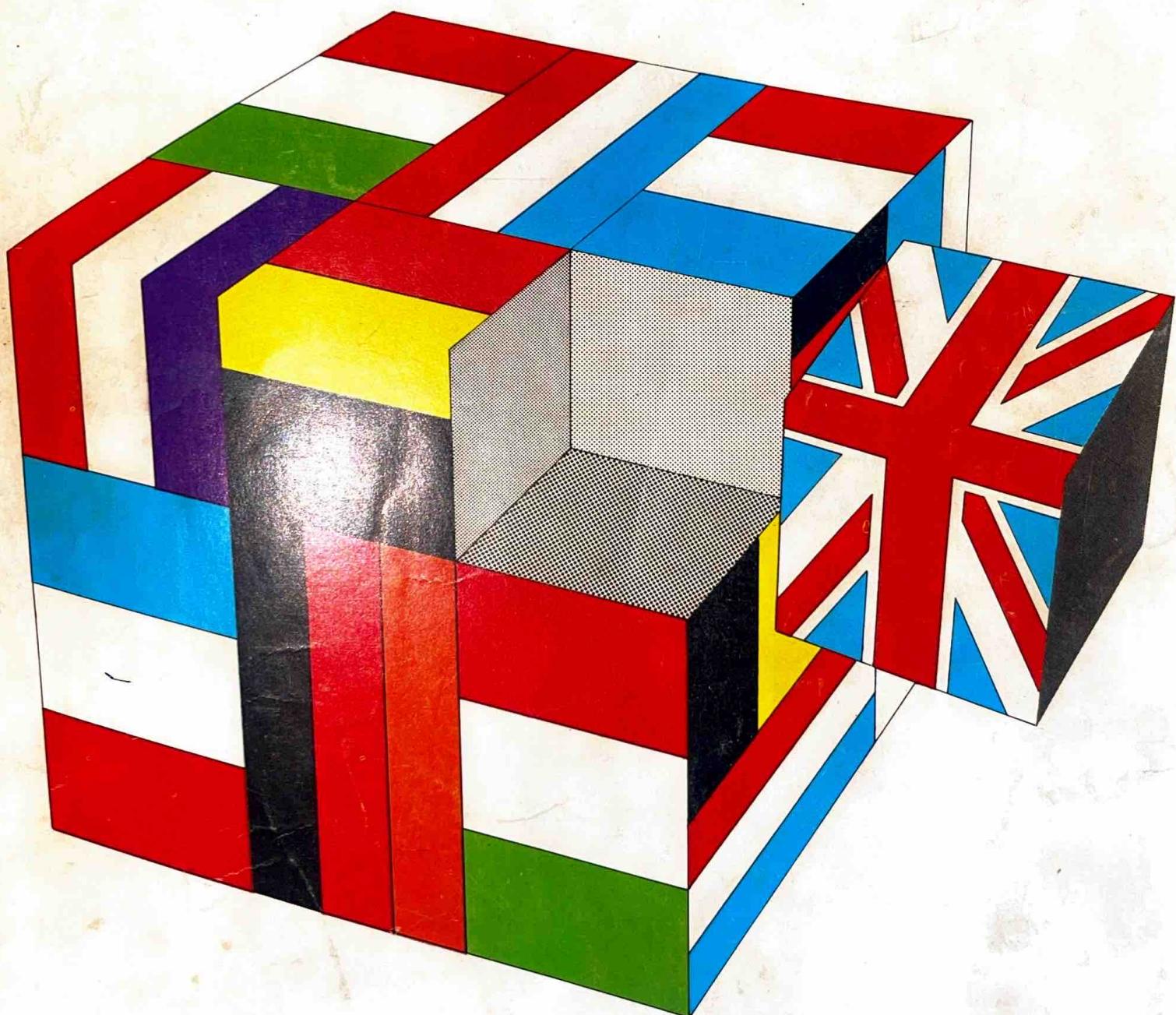


21 - JUN. 71

# visão

Cr\$ 3,00

BRASÍLIA:  
A UNIVERSIDADE RENASCE?



MERCADO COMUM: O SÉTIMO SÓCIO

## Um cinema útil

Na noite de encerramento do VI Festival de Cinema Brasileiro, realizado em dezembro do ano passado, em Brasília, os 2 mil espectadores que lotavam o Cine Atlântida e que durante os seis dias anteriores haviam assistido ao desfile de mais de duas dezenas de filmes, aplaudindo-os com boa vontade mas muitas vezes sem convicção, viram um documentário exibido fora de concurso, que foi saudado com entusiasmo pela maior parte dos críticos presentes como uma das melhores realizações do gênero já feitas entre nós. Essa receptividade iria ser mais tarde confirmada no Rio, durante o Festival Nacional de Curtas-Metragens, no qual *Vestibular 70* receberia o segundo prêmio. Com quinze minutos de duração, em preto e branco, o filme é o resultado das pesquisas e do esforço de produção de três professores e um aluno do Departamento de Artes Visuais e Cinema da Universidade de Brasília. Rodado durante os exames vestibulares de dezembro de 1969, na UnB, é um documentário psicológico das reações das pessoas quando submetidas a um clima de tensão criado por uma situação competitiva.

"Quisemos fazer um filme que fosse mais do que o mero registro jornalístico de um acontecimento", diz Fernando Duarte, um dos autores de *Vestibular 70*, juntamente com os professores Heinz Forthman e Wladimir de Carvalho. Selecionado pelo Instituto Nacional do Cinema para representar este ano o Brasil no Festival de Oberhausen, na Alemanha, o filme é talvez a melhor amostra do trabalho que a equipe cinematográfica da UnB fez nos seus dois últimos anos de atividades, sobrevivendo às crises que envolveram a Universidade e lutando contra toda sorte de dificuldades, a maior das quais uma quase total falta de equipamento técnico.

A verdade é que em Brasília se faz cinema quase desde a fundação da Universidade. O conservador da Cinemateca Brasileira, Paulo Emílio Salles Gomes, já em 1963 dava aulas no Instituto Central de Artes. Mais tarde, estas aulas tomariam a forma de um curso de cinema propriamente dito — o primeiro de nível universitário instalado no país — no primeiro semestre de 1965, com a contratação de estudiosos da arte cinematográfica e realizadores experimentados, entre eles Nelson Pereira dos Santos.

Reestruturado depois da crise de 1968, o Departamento de Artes Visuais e Cinema — ainda ligado administrativamente ao Instituto Central de Artes da UnB e chefiado pelo cineasta Fernando Duarte — tem planos realistas e bem definidos a curto e médio prazo: concentrar seus recursos no treinamento de pessoal capacitado para a profissão, nas suas diferentes especializações, e preparação de filmes na área do documentário e do cinema didático. "Nossa vocação natural", diz Wladimir de Carvalho, "é o documentário cultural e educativo. Não temos à nossa volta um mercado consumidor de filmes de longa-metragem, como acontece com as escolas de cinema do Rio e de São Paulo. Aqui o apelo é mais tranquilo, sem nada de vedetismo ou da mística do diretor." Wladimir acredita que existe no país um mercado em potencial para documentário, que a Universidade deveria aproveitar. E cita o Governo — que já obriga os produtores de cinejornais a encalhar dois minutos de assuntos de interesse público em cada noticioso — como exemplo de consumidor em potencial. Mas os cinemas constituem apenas uma faixa do mercado. Além deles, existem as televisões comerciais e educativas, as escolas e as universidades.

Dentro da filosofia de se tornar um centro especializado no setor documentário, o Departamento de Artes Visuais e Cinema da UnB produziu em 1970 cinco filmes, sem contar com outros sete feitos por alunos como exercícios de curso. Além de *Vestibular 70* e *Brasília Ano 10* (indicado para um festival de filmes de turismo, na Itália), saíram da UnB recentemente mais três curtas-metragens, um deles sobre a escultura *Polivolume* de Mary Vieira, localizada no saguão do Palácio dos Arcos, nova sede do Itamaraty. Encomendado pelo Ministério das Relações Exteriores, este filme fez parte da representação nacional à Bienal de Veneza, no ano passado. Os outros dois curtas-metragens foram *OBM* (sobre música) e *Pré-moldados na UnB* (sobre construção de prédios com técnica de pré-moldagem). Em fase de acabamento há filmes como *Chegada da seleção a Brasília* (mostrando a ocupação dos grandes espaços urbanísticos da capital pela massa de torcedores que recebeu a seleção de volta do México); *Oscar Niemeyer/Depoimento* (uma entrevista filmada, na qual o arquiteto analisa aspectos fundamentais de sua obra); e *ICC*, que do-

cumenta a construção do Instituto Central de Ciências da Universidade, projeto de Niemeyer que abrigará, quando concluído, 10 mil alunos. O Departamento planeja ainda fazer um documentário sobre a evolução do feto humano, para a Faculdade de Ciências e Saúde da UnB, com finalidade eminentemente didática: dezenas de alunos de Medicina, que hoje sómente podem observar o fenômeno de maneira fragmentária, através do microscópio e das explicações verbais dadas pelo professor em aula, poderão acompanhar-lo, futuramente, em todas as suas fases, nos mínimos detalhes, numa tela de cinema ou de televisão (a UnB está montando para isso um circuito interno).

Apesar deste invejável saldo de atividades e de sua filosofia pragmática, nem tudo são rosas no Departamento. Dos 150 alunos do Instituto de Artes e Arquitetura, apenas cinco estavam matriculados no Curso de Cinema até fins do último ano letivo. Este pequeno número se explica por uma decisão tomada, meio a contragosto, motivada principalmente pela pobreza dos cursos em matéria de equipamentos, cuja aquisição vem sendo adiada por sucessivas administrações da UnB. Está sendo planejado, por exemplo, um Laboratório de Montagem que, entre outras coisas, permitiria trabalhar em regime de co-produção com equipes profissionais do Rio e de São Paulo, em películas de interesse da Universidade.

No momento, a preocupação é conseguir primeiros recursos materiais mínimos para a realização de filmes e treinamento de pessoal: uma câmera, um gravador de som, mesa de montagem e equipamento de iluminação. "Temos funcionado na base da improvisação. Se falta uma lente, recorremos à Faculdade de Medicina; se falta câmera, pedimos emprestado ao INC. Como não temos mesa de montagem de 35 milímetros, quando precisa montar um filme o professor é obrigado a viajar e com isto prejudica suas outras atividades no Departamento." A culpa é coletiva: de Fernando Duarte, Wladimir de Carvalho e Geraldo Sobral Rocha (diretor de *Brasília Ano 10*), profissionais com anos de trabalho nas costas, envolvidos diretamente na confecção de filmes como *Vestibular 70* e que gostariam — além de ganhar prêmios — de poder transmitir os seus conhecimentos, sua filosofia de cinema documentário, cinema útil, a um número maior do que cinco jovens de boa vontade.

